

Sabem quantos turistas visitaram a cidade de Londres no ano passado? Lá não teve Copa do Mundo ou Olimpíadas. Foram 18 milhões de pessoas que deixaram em Londres 20 bilhões de dólares, gerando emprego e renda. Vamos falar de um país rico, vamos falar da cidade de Bangcoc. Foram lá 17 milhões de turistas. Em Paris, foram 15 milhões de turistas e em Singapura, 12 milhões de turistas. A cidade de São Paulo, maior região metropolitana do mundo, recebeu dois milhões de turistas.

Estamos muito longe de ter uma política que incentive, de fato, que um trabalhador da Alemanha, que trabalhou o ano inteiro em uma montadora alemã e que vai viajar com a família no final do ano, venha ao Brasil. O Brasil não está no horizonte dele. O estado de São Paulo também não está.

Quero entrar na questão fundamental. As pessoas e os turistas não vêm para o Brasil, não por conta das belezas naturais, porque o estado de São Paulo é riquíssimo em belezas naturais. Há florestas, parques e rios - infelizmente os rios Tietê e Pinheiros são sujos, poluídos -, mas as pessoas não vêm ao Brasil porque hoje existem as redes sociais, existe o Google. O trabalhador alemão, italiano, chinês, de Bangcoc, russo, dos Estados Unidos ou de qualquer lugar olha no Google e vê a seguinte situação: no ano passado, 56 mil pessoas morreram no Brasil por conta da violência. É mais do que alguns países que estão em guerra.

Vejam o índice de homicídios dolosos no Brasil. No estado de São Paulo a taxa é de 10,06 por 100 mil. As entidades trabalham que acima de nove é epidêmico. Temos uma epidemia de homicídios dolosos no estado de São Paulo. O trabalhador de qualquer país desenvolvido ou subdesenvolvido, quando vê um dado desse, se assusta. Em 2013, foram quase 257 mil assaltos no estado de São Paulo. Em 2014 os assaltos subiram para 309 mil. O índice de homicídio é epidêmico e o número de assaltos cresce de forma assombrosa.

Um País como o nosso, um Estado como o nosso, riquíssimo em belezas naturais, é barato para se passear e viajar. O trabalhador europeu ganha em euro. Por que ele vai escolher Bangcoc e não vai escolher as praias do Brasil, não vai escolher São Paulo, não vai escolher o litoral, como Santos, para passear? Por conta da questão da Segurança Pública. Está claro e cristalino. Mais límpido que isso é impossível.

Fica uma sugestão e um apelo ao secretário Roberto. A política de Turismo do nosso Estado tem que estar integrada à política de Segurança Pública. Enquanto tivermos taxas de homicídios epidêmicas é claro que não vamos ter turistas vindo ao estado de São Paulo, vindo ao Brasil, até porque nos outros estados, infelizmente, os índices de homicídios ainda são três, quatro vezes maiores do que no estado de São Paulo. Portanto, qualquer trabalhador, qualquer servidor público de qualquer parte do mundo que queira viajar hoje tem o Google para fazer uma pesquisa e saber se é seguro viajar com a sua família para o local. E ele não vem para cá.

O que mais me preocupa é a estrutura de segurança pública, a Polícia Militar. O “Diário de São Paulo” fez uma pesquisa há um tempo e 25 mil policiais fazem bico para sobreviver, porque têm uma carreira que não é prestigiada. Precisariamos fazer uma integração entre a Polícia Militar e a Polícia Civil. E um dado aterrorizador: em 95% dos casos de homicídio no Brasil, ninguém sabe quem foi o assassino. Só 5% dos casos são esclarecidos.

Precisamos começar essa política por São Paulo, o estado mais rico da Federação, secretário de Turismo. Vossa Excelência está visitando a Assembleia neste dia oportuno, em que se discute essa PEC para incentivar o turismo no estado de São Paulo, para dar mais 11% de recursos para cidades que são instâncias turísticas e ampliar seu número de 70 para duzentos e dez.

É uma iniciativa importante. Vamos votar favoravelmente a essa iniciativa. No entanto, dar 11% a mais para essas cidades e não fazer uma política de segurança pública integrada não irá resolver. Porque não será com 50, 200 ou 300 mil reais que uma cidade do Vale do Ribeira, da região de Sorocaba, da região de Ribeirão Preto, de Prudente, do Vale do Paraíba, de Americana ou da Grande São Paulo conseguirá resolver o problema da segurança pública. É preciso haver uma integração.

Essa integração é necessária para mudar o foco da segurança pública em São Paulo. É preciso colocá-la como medida prioritária. Precisamos ampliar os esclarecimentos dos casos de homicídio, porque a vida é o patrimônio mais importante. E nenhum trabalhador de nenhuma parte do mundo vai fazer uma visita a um estado que tem taxa de homicídio epidêmica. E os homicídios estão com taxas epidêmicas no estado de São Paulo e no Brasil, porque não são esclarecidos.

É preciso que a política de segurança pública inteira esteja voltada para combater o crime contra a vida. Não dá para admitir mais que nós tenhamos apenas 5% dos casos de homicídio no Brasil sendo esclarecidos. E quem faz a investigação, o ramo nobre da segurança pública, é a Polícia Civil. A política de segurança ostensiva é importante, mas a investigação é mais do que importante, porque precisamos descobrir os crimes, seja de colarinho branco, crime organizado, quadrilha ou crime contra a vida.

Poderíamos começar a fazer um processo de integração. Podem dizer que é matéria de Brasília, que é competência federal, mas podemos fazer uma integração administrativa. Secretário de Turismo, se não houver essa política integrada de Turismo com Segurança, pode colocar mais um bilhão de reais que o trabalhador da Alemanha não virá ao Brasil. Temos taxa de homicídio epidêmica!

Perguntem a qualquer pessoa de bom senso se ela viaja para um local com taxa de homicídio epidêmica. Não viaje! Europeus e estadunidenses vêm ao Brasil e ficam dentro de resorts, fechados. Eles têm medo de andar na rua, por causa da taxa de homicídios e do crescimento dos assaltos. Então, precisamos de uma política de Turismo integrada com a Segurança pública.

- Assume a Presidência o Sr. Carlos Bezerra JR.

Se duvidarem se isso é possível, basta ir ao Uruguai. O Uruguai tem o mesmo número de turistas que de população, porque tem uma política de segurança pública que faz com que o cidadão que vai a Montevideú possa andar com a sua família meia-noite para visitar praças e restaurantes.

Gostaria de concluir com essa matéria de extrema importância. Fico até triste, porque era para o plenário estar cheio. Os municípios do estado de São Paulo poderiam ter uma política de geração de emprego, porque o dinheiro do turismo entra limpo. Portanto, poderíamos ter o turismo alavancando a economia de regiões que são inclusive mais pobres em nosso Estado.

Gostaria de deixar registrada a posição da nossa bancada e a minha posição, em particular. Acho que ampliar os recursos para os municípios é uma medida importante, mas ela precisa estar integrada a uma política de segurança pública. Deixo aqui o nosso apelo ao atual secretário de Turismo. É preciso dialogar com a Secretaria de Segurança Pública e mudar o seu foco, porque com taxa de homicídio epidêmica não conseguiremos alavancar o turismo no estado de São Paulo.

- Assume a Presidência o Sr. Fernando Capez.

O SR. MILTON LEITE FILHO - DEM - Sr. Presidente, havendo acordo entre as lideranças presentes em plenário, solicito o levantamento da presente sessão.

O SR. PRESIDENTE - FERNANDO CAPEZ - PSDB - Sras. Deputadas, Srs. Deputados, havendo acordo entre as lideranças presentes em plenário, esta Presidência vai levantar a sessão.

Está levantada a sessão.

- Levanta-se a sessão às 19 horas e 59 minutos.

6 DE ABRIL DE 2015

14ª SESSÃO ORDINÁRIA
Presidente: JOOJI HATO
Secretário: ANALICE FERNANDES

RESUMO
<p>PEQUENO EXPEDIENTE</p> <p>1 - JOOJI HATO Assume a Presidência e abre a sessão.</p> <p>2 - LECI BRANDÃO Recorda que manifestara, pelas redes sociais, sentimentos pela morte trágica, no dia 02/04, de Thomaz Alckmin, filho do governador Geraldo Alckmin e da primeira-dama Lu Alckmin, vítima de acidente de helicóptero. Externa sentimentos, também, pelas demais vítimas do acidente. Repudia a morte do garoto Eduardo, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Reproduz declarações da mãe da vítima, Sra. Terezinha, que teria sido ameaçada por policiais. Apresenta solidariedade aos familiares e amigos do garoto Eduardo. Relata o episódio. Combate as mortes de jovens nas periferias. Lembra a proposta de PEC para redução da maioria penal, matéria a ser apreciada no Congresso Nacional. Informa que adolescentes negros são assassinados sistematicamente. Cita dados sobre a questão. Considera que existe, na prática, “pena de morte” contra a população negra.</p> <p>3 - PRESIDENTE JOOJI HATO Apresenta, em seu nome e dos demais deputados, votos de pesar ao governador Geraldo Alckmin, à primeira-dama Lu Alckmin, e aos amigos de Thomaz Rodrigues Alckmin, vítima de queda de helicóptero, em 02/04. Fala da consternação, também, dos parentes e amigos das demais vítimas. Lamenta que Thomaz tivesse sua vida ceifada aos 31 anos, deixando duas filhas.</p> <p>4 - RAMALHO DA CONSTRUÇÃO Apresenta condolências à família do governador Geraldo Alckmin, pela morte de seu filho, Thomaz. Lembra o sentimento que afeta pais e mães. Louva o trabalho diuturno do governador. Recorda o carinho e a simplicidade de Thomaz e os incidentes que sofrera. Informa a presença deste Parlamentar no velório. Destaca sua preocupação com empregados demitidos de empresas envolvidas no escândalo da Lava-Jato. Enfatiza as consequências deste processo. Comunica que as dívidas das empresas somam 15 bilhões de reais. Repudia o desvio de verbas públicas.</p> <p>5 - ANALICE FERNANDES Comenta manifestações, previstas para o próximo domingo, dia 12/04. Nesse sentido, lê e comenta artigo do senador Aécio Neves, publicado hoje, na “Folha de S. Paulo”. Destaca a falta de credibilidade na gestão federal, o aumento na taxa de juros, a necessidade de retomada do crescimento econômico, o aumento de tarifas públicas e problemas no ensino, entre outros. Endossa o sentimento de insatisfação da população brasileira quanto à gestão federal.</p> <p>6 - CARLOS GIANNAZI Faz convite para audiência pública, prevista para o dia 08/04, nesta Casa, em apoio à greve dos professores. Defende e reitera as reivindicações da categoria, mobilizada desde o dia 13/03. Enfatiza problemas como a duzentena, o uso do lamspe e do SPPrev. Repudia o fechamento de 3.300 salas de aula. Comenta os desdobramentos do fato. Lamenta a falta de investimentos no setor. Considera que há afronta à lei do piso nacional da categoria. Argumenta que há margem de verbas estaduais para atender aos reclamos do professorado.</p> <p>7 - CORONEL TELHADA Transmite sentimentos de condolências à família do governador Geraldo Alckmin, pela morte de Thomaz Alckmin. Rebate argumento de que exista “genocídio” da população negra. Afirma que não há ato deliberado de policiais para vitimar crianças ou jovens. Questiona declarações de que “a bala perdida é sempre da polícia”. Considera fatalidade a ser investigada a ocorrência no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Informa que quatro policiais foram mortos, naquela cidade, nesse final de semana. Relata cinco mortes de policiais militares e civis, havidas em São Paulo, neste mês. Argumenta que não há mobilizações para reverter o fato. Afirma que “todos somos vítimas” da violência. Enfatiza sua defesa contínua em favor dos policiais.</p> <p>8 - CEZINHA DE MADUREIRA Reflete sobre o significado da dor provocada pela morte, especialmente quando foge ao que se tem como ordem cronológica natural. Comenta a dor do luto que se abateu sobre a família do governador Geraldo Alckmin, pela morte de Thomaz Alckmin, bem como dos demais ocupantes do helicóptero que os transportava. Expressa sentimentos gerais às famílias e amigos das vítimas.</p> <p>9 - CORONEL TELHADA Requer o levantamento da sessão, com assentimento das lideranças.</p> <p>10 - PRESIDENTE JOOJI HATO Defere o pedido. Convoca os Srs. Deputados para a sessão ordinária de 07/04, à hora regimental, com Ordem do Dia. Levanta a sessão.</p> <p>*** - Assume a Presidência e abre a sessão o Sr. Jooji Hato. ***</p> <p>O SR. PRESIDENTE - JOOJI HATO - PMDB - Havendo número legal, declaro aberta a sessão. Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.</p> <p>Com base nos termos da XIV Consolidação do Regimento Interno, e com a aquiescência dos líderes de bancadas presentes em plenário, está dispensada a leitura da Ata.</p> <p>Convido a Sra. Deputada Analice Fernandes para, como 1ª Secretária “ad hoc”, proceder à leitura da matéria do Expediente.</p> <p>A SRA. 1ª SECRETÁRIA - ANALICE FERNANDES - PSDB - Procedê à leitura da matéria do Expediente, publicada separadamente da sessão.</p> <p>*** - Passa-se ao</p>
PEQUENO EXPEDIENTE
<p>***</p> <p>O SR. PRESIDENTE - JOOJI HATO - PMDB - Srs. Deputados, Sras. Deputadas, tem a palavra o primeiro orador inscrito, nobre deputado João Paulo Rillo. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Edson Giriboni. (Pausa.) Tem a palavra a nobre deputada Leci Brandão.</p> <p>A SRA. LECI BRANDÃO - PCdoB - SEM REVISÃO DO ORADOR - Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, funcionários desta Casa, telespectadores da TV Alesp, boa tarde.</p> <p>“Já nos manifestamos pelas redes sociais sobre a tragédia que atingiu a família do governador Geraldo Alckmin, com a morte de seu filho Thomas, na última quinta-feira, vítima de um acidente de helicóptero. Nossas condolências à família, em especial a Dona Lu Alckmin e às famílias do piloto e dos mecânicos que também foram vítimas neste terrível acidente.</p> <p>Na última quinta-feira, dia 2 de abril, perdemos mais uma criança para a violência. Falo do menino Eduardo, de 10 anos, que levou um tiro na cabeça em frente de casa com o caderno de estudo nas mãos, que morava no Morro do Alemão, no Rio de Janeiro. Falamos do menino cuja mãe, dona Terezinha, foi ameaçada com uma arma na cara por se revoltar pela morte do filho. “Eu nunca vou esquecer o rosto do PM que acabou com a minha vida. Quando eu corri para falar com ele, ele apontou a arma para mim. Eu falei ‘pode me matar, você já acabou com a minha vida’”, afirmou dona Terezinha.</p>

Esse é mais um caso para a nossa conta de indignação. E aí é inevitável a gente se perguntar: quanto vale a vida?

Mas não vamos tomar o todo pela parte. As regras e as leis não podem ser baseadas na exceção. Porém, não podemos ficar cegos diante da recorrência dos casos de violência policial nas periferias pelo país afora há décadas. Não temos como não enxergar que só temos conseguido lidar com nossos problemas sociais reprimindo-os, nunca prevenindo-os. Atacamos sempre os sintomas e nunca as causas.

Um exemplo notório dessa situação é a PEC que propõe a redução da maioria penal para 16 anos, aprovada na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados na semana passada.

Os defensores da proposta alegam ser esta uma medida para diminuir a impunidade e aumentar a segurança. Pelo caso do menino Eduardo, está mais do que isso só encobre a verdadeira violência.

Segundo o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), dos 21 milhões de adolescentes brasileiros, menos de 1% cometeu atos contra a vida. Mas são os adolescentes que estão sendo assassinados sistematicamente. Hoje, os homicídios já representam 36,5% das causas de morte por fatores externos de adolescentes no país, enquanto para a população total corresponde a 4,8 por cento. Mais de 33 mil brasileiros de 12 a 18 anos foram assassinados entre 2006 e 2012. Destes, 70% eram negros. Quem está cometendo violência? Quem deve ser protegido? Quem deve ser responsabilizado por não garantir o direito e a cidadania de milhões de crianças e adolescentes?

É algo muito difícil de reconhecer, mas a morte do menino Eduardo é uma entre tantas outras num país em que a pena de morte não existe na Lei, mas existe na favela.

As painelas ecoam por muitos motivos, mas nenhum deles contra a morte da juventude da periferia, principalmente da juventude negra.

Não, não podemos mais discutir somente os erros que desembocam na violência policial. Devemos identificar o que a

legítima e a resposta está em nossa sociedade.

Enquanto isso, resta-nos prestar nossa solidariedade à dona Terezinha e aos familiares e amigos de Eduardo e lutar para que não tenhamos outros Eduardos assassinados.”

O SR. PRESIDENTE - JOOJI HATO - PMDB - Esta Presidência, em nome de todos os deputados que compõem esta Casa, deseja ao governador Geraldo Alckmin, à sua estimada esposa, Lu Alckmin, a seus filhos e familiares, os nossos mais sinceros sentimentos de pesar pelo passamento de seu filho mais novo, Thomaz Alckmin, no dia 2 de abril, na queda de um helicóptero, em Carapicuíba, na Grande São Paulo. Estendemos nossos sentimentos de pesar e consternação a todos os amigos e familiares das demais vítimas desse trágico acidente. Com certeza, todos eles estão ao lado de Nosso Senhor. Nós oraremos, estamos sempre orando, para que eles fiquem em paz, com a certeza da missão cumprida.

Tem a palavra a nobre deputada Vanessa Damo. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Luiz Fernando Machado. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Carlos Neder. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Welson Gasparini. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Coronel Camilo. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Rafael Silva. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Cezinha de Madureira. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Ricardo Madalena. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Delegado Olim. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Gileno Gomes. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Adilson Rossi. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Abelard Camarinha. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Roberto Massafera. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Celso Giglio. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Rodrigo Moraes. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Carlos Cezar. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Aldo Demarchi. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado André Soares. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Atila Jacomissi. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Ramalho da Construção pelo tempo regimental.

O SR. RAMALHO DA CONSTRUÇÃO - PSDB - Sr. Presidente em exercício, nobre deputado Jooji Hato, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, telespectador da TV Alesp, funcionários desta Casa, quero também, na tarde de hoje, prestar nossas condolências à família do governador Geraldo Alckmin.

Quero, agora, dirigir-me à nobre deputada Analice Fernandes, que é mãe, ao Coronel Telhada, que é pai, eu também sou pai e sei quanto é difícil perder um filho. A ordem natural é o filho enterrar o pai. Além disso, perder o filho mais novo é ainda pior. Nós que sempre acompanhamos o governador Geraldo Alckmin que há 40 anos trabalha sem férias, de domingo a domingo, geralmente por volta de 16 horas por dia. Quantas vezes o governador Geraldo Alckmin fica naquele palácio, V. Exa. sabe disso, até a 1:00 hora da manhã, e como V. Exa. e muitos companheiros desta Casa sabem, o Thomaz ficava sempre por perto, com a mesma simplicidade do governador. Muitas vezes, até dispensava a segurança, tanto é, que sofreu, se não me engano, três tentativas de assalto. O governador, para descontrair, ficava às vezes conosco, contando piadas, nos seus cafezinhos. Muitas vezes, ele fazia as brincadeiras. Muitas vezes, era o próprio Thomaz, que estava ali, por perto.

Não poderia deixar de falar, esta tarde. Estive lá no velório. Vi-o com Dona Lu, abatida, como toda a família. Porém, sabemos que o golpe maior é para o Geraldo, porque ele fazia questão de estar ali.

O Thomaz, como ele, era aquela pessoa simples, que não abandonava os amigos de infância, que fazia questão da simplicidade, de estar ali, sempre com os amigos. Sabemos que foi um golpe imenso para a família. Também foi para as dos outros quatro, que perderam as vidas, todos jovens, não só os mecânicos, mas também o piloto, de 53 anos. Vou fazer 63, em maio. Às vezes, o próprio governador conta a piada do Roberto Rodrigues, sobre morrer com 138 anos. Então, todos nós somos jovens. Sabemos o tamanho do golpe.

Sr. Presidente, sei que V. Exa., daqui a pouco, falará da matéria do Aécio. Vou deixar V. Exa. falar, mas quero expressar preocupação com essas empresas envolvidas na Operação Lava Jato, que estão, hoje, na matéria do jornal “O Estado de S. Paulo”, que tenho em mãos.

Falam da recuperação que buscamos. Infelizmente, essa recuperação judicial envolve também os trabalhadores. Muitos já estão sendo demitidos. Só Deus sabe quando vão receber.

A dívida é de nada mais e nada menos do que 15 bilhões de reais. Dividindo-se 15 bilhões por 76 milhões, quase daria para construirmos um terço do necessário para suprir todo o déficit habitacional. Isso é só o que conhecemos.

Nosso deputado Coronel Telhada, além de ser um homem de fé, é um policial com experiência. Sabe que 15 bilhões é muito dinheiro. Se colocássemos isso em notas de 100 reais, daria para encher este plenário. Não acha, deputado? Vossa Excelência tem um pouco de experiência nisso. Acho que se colocarmos notas de 100 reais nas nossas galerias, mais o plenário, encherá e sobrá. Precisaria fazer o cálculo: colocando notas de 100 reais, quantos caminhões não se poderia encher?

Deputada Analice Fernandes, o esposo de V. Exa. é prefeito. Sabe das dificuldades e das cobranças por moradias populares. Quantas moradias populares e hospitais não seria possível fazer?

O dinheiro poderia ser usado para o combate à dengue. Sr. Presidente, V. Exa. é médico. A dengue, agora, se alastra e temos que atender em barracas improvisadas. Vemos essa fortuna - que é apenas o dinheiro sobre o qual temos conhecimento.

Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - JOOJI HATO - PMDB - Parabéns, nobre deputado Ramalho da Construção, pela sua preocupação com os problemas deste Estado e, também, por sua fala em relação ao Thomaz Alckmin. Era muito jovem. Tinha muita saúde e um futuro pela frente, com seus sonhos. Deixa seus filhos, muito jovem. Essa exceção lembra um jovem brasileiro promissor, infelizmente ceifado no seu caminho tão breve.

Tem a palavra o nobre deputado Teonilo Barba. (Pausa.) Tem a palavra a nobre deputada Analice Fernandes.

A SRA. ANALICE FERNANDES - PSDB - Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, muitas pessoas já estão se mobilizando nas redes sociais para o próximo domingo, dia 12, a grande manifestação que, possivelmente, irá levar mais um milhão de pessoas novamente às ruas no estado de São Paulo e por todo o nosso País.

O descontentamento é o sentimento comum de todos e a grande maioria da população - todos nós sabemos - clama por um Brasil melhor, por uma condução mais clara da nossa Nação.

O artigo hoje, segunda-feira, do senador Aécio Neves, na “Folha de S.Paulo”, fala um pouco sobre esse descontentamento, que ele chama de desconfiança.

“A falta de confiança. Muita gente tem se perguntado qual é a crise mais grave, a econômica ou a política. Do meu ponto de vista, a que agrava todas as demais é a crise de confiança que se instalou entre a população e o governo. Ela é tão perceptível que não é preciso sequer esperar pelos resultados das pesquisas para constatá-la. Ao contrário do que muitos pensam, confiança não é apenas um valor simbólico. É elemento concreto, matéria prima essencial aos governos, especialmente em época de crise. Quando a população confia em um governo, acredita nos seus diagnósticos e compromissos. Quando confiam em um governo, setores produtivos investem sem medo. A verdade é que o governo está pagando um alto preço pelas mentiras que vêm sendo ditas à população e que ficaram explicitadas de forma irreversível desde a campanha eleitoral do ano passado. Nela, o governo ultrapassou os limites inaceitáveis da luta política, caluniou adversários e prometeu o que sabia que não ia fazer. Sem compromisso verdadeiro com a nação, não hesitou em dividir o país, tentando nos jogar uns contra os outros, com o discurso do “nós” contra “eles”, pobres contra ricos, Nordeste contra Sudeste.

A constatação das manifestações feitas pela campanha do PT gerou, entre milhões de brasileiros, forte ressentimento e o sentimento de que a população foi vítima de um verdadeiro estelionato eleitoral. Essa percepção se deu de forma muito rápida e comprometeu a credibilidade de uma gestão que já nasceu velha, sem capacidade de propor saídas para os problemas que criou e legou a si mesma.

Na campanha, a candidata oficial não admitia sequer a existência de crise. Agora, se escora nela. A necessidade de ajuste era considerada uma peça de ficção engendrada pelas oposições. A imprensa revelou que parte das medidas do ajuste proposto pelo governo já estava decidida durante a campanha. Infilção sob controle? Chegamos à previsão de oito por cento. Os “neoliberais” iriam subir os juros? Estão aí as novas taxas. Retomada do crescimento? Mais um pibinho. Energia mais barata? Tarifaço. Não iria alterar benefícios dos trabalhadores, “nem que a vaca tussa”? Deu no que deu... Pátria educadora? Estão aí os cortes de orçamento da educação, as restrições ao Fies, os problemas do Pronatec.

A reação da população brasileira a todas essas mentiras e manipulações feitas pelo PT precisa ser saudada como sinal do amadurecimento da democracia brasileira. Há cada vez menos espaço para o marketing político de ocasião, oportunista, que está a serviço exclusivo da vitória a qualquer custo. O barulho que tira o sono do governo não é o dos painelaços. É o da consciência desperta dos brasileiros.”

Quero, assim, congratular-me com esta população aguerrida, que cansou de se curvar, de andar de cabeça baixa e, realmente, quer um Brasil melhor. Um Brasil mais justo, um Brasil honesto. Que nós possamos, realmente, lutar rumo a esse Brasil que desejamos.

O SR. PRESIDENTE - JOOJI HATO - PMDB - Tem a palavra o nobre deputado Carlos Giannazi.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - SEM REVISÃO DO ORADOR - Sr. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, público presente, telespectadores da TV Assembleia, gostaria de fazer um convite público a todos os 94 deputados e deputadas para que participem, no próximo dia 8, quarta-feira, de uma audiência pública em apoio à greve dos professores da rede estadual.

Nosso mandato está organizando a audiência pública dentro da Assembleia Legislativa, no plenário Franco Montoro às 15 horas. Dia 8, quarta-feira, às 15 horas, no Franco Montoro. É importante que os deputados participem para ouvir os professores. Teremos centenas de professores de várias regiões do Estado. Vamos lotar a Assembleia Legislativa, que não pode ficar alheia ao que está acontecendo no Magistério estadual e na Educação.

É um absurdo o silêncio da Assembleia Legislativa. Temos a obrigação de sair em defesa das reivindicações dos servidores da Educação que estão em greve, que estão paralisados desde o dia 13 de março em todo o estado. Participei mais uma vez de uma assembleia dos professores na quinta-feira passada com mais de 60 mil professores na Av. Paulista.

Foram 60 mil professores fazendo uma grande passeata cívica, democrática e ordeira em defesa da Educação pública gratuita e de qualidade. Teve a participação de pais, alunos, membros dos conselhos escolares, das associações de pais e mestres, porque essa não é uma luta só dos professores, é uma luta de toda a comunidade escolar.

Assim, faço um apelo aos deputados e deputadas para que participem da nossa audiência pública, na qual, logicamente, será franqueada a palavra a cada deputado que estiver comprometido com a Educação e com as causas do Magistério público, que tenho reverberado o tempo todo e são: o fim da duzentena, da quarentena, o reajuste salarial, o fim da superlotação de salas, da violência nas escolas, da demora e dos atrasos nos processos de aposentadoria dos servidores da Educação, a revisão total da Lei nº 1093, a garantia do direito de os professores categoria “O” utilizarem o lamspe e também o direito desses servidores a acessarem a SPPrev.

É uma pauta imensa, com várias reivindicações superimportantes. Não posso deixar de registrar, também, o fato de o governador ter fechado mais de 3.300 salas de aula no estado de São Paulo, prejudicando alunos, professores e intensificando a superlotação de salas.

Temos uma pauta imensa, venho semanalmente à tribuna, quase diariamente, denunciar o governo estadual pela falta de investimento em Educação e pela destruição que o Governo do PSDB está colocando em curso contra a carreira do Magistério estadual. Por isso é muito importante essa audiência pública no próximo dia 8, quarta-feira, às 15 horas, no Auditório Franco Montoro, para a qual convidamos todos os deputados, mas também a população que está nos assistindo, sobretudo os professores.

Que os professores da rede estadual venham, ocupem a Assembleia Legislativa, porque a Assembleia Legislativa tem de representar os interesses da Educação e Educação de qualidade.

Nós também temos de frisar que é inadmissível que o governador Alckmin esteja afrontando a lei do piso salarial, a lei da data-base dos servidores, a Lei Federal 11.378, de 2008, que instituiu a jornada do piso, que também não é cumprida no estado de São Paulo.

É inadmissível que o governador tenha editado um decreto no dia 25 de fevereiro proibindo o reajuste salarial para todos os servidores do Estado, que já estão com os salários arrocados, atrasados há muito tempo, e nós acompanhamos a execução orçamentária.